

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

Sandra Regina Marchioretto

**PROMOVER A PRÁTICA DA LEITURA DOS ALUNOS CONCLUINTE
DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO
DOUTOR RICARDO**

Doutor Ricardo

2012

Sandra Regina Marchioretto

**PROMOVER A PRÁTICA DA LEITURA DE ALUNOS CONCLUINTE
DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO
DOUTOR RICARDO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janete Sander Costa

Doutor Ricardo

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof.^a
Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Prof.^a Liane
Margarida Rockenbach Tarouco

Dedico este trabalho de conclusão a minha falecida mãe que foi exemplo em vida e em especial a minha família que eu a amo muito e que muito me apoiou e soube entender nos momentos de cansaço e esmorecimento, quando eu mesma já não acreditava em mim.

Agradeço à Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Ricardo pela oportunidade em realizar este estudo, a todos os professores que contribuíram para a formação profissional que ora estou alcançando, em especial à orientadora deste trabalho Professora Janete Sander Costa e a tutora, Professora Carla Inez Lima de Freitas Anele, e aos Professores tutores, Fernando Favaretto e Andreia Feltrin Isotton, pelo incentivo, apoio, confiança e amizade que a mim transmitiram.

RESUMO

O presente trabalho teve como enfoque resgatar a importância da prática da leitura em sala de aula com estudantes concluintes do Ensino Médio, oriundos de uma escola pública do município de Dr. Ricardo, RS, usando como alternativa de trabalho a leitura pelo hipertexto. Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, destacamos aspectos que incentivaram nosso interesse em mostrar aos alunos a importância deste assunto. Na segunda, apresentamos as diferentes formas e estratégias de leitura. Na terceira parte, a utilização das tecnologias digitais e o hipertexto como possibilidade alternativa de redescobrir e desenvolver o gosto pela leitura. Por último, apresentamos algumas constatações observadas durante a realização deste trabalho e que serão utilizadas durante as aulas como práticas metodológicas para promover a leitura, especialmente com alunos do último ano do Ensino Médio.

Palavras chave: Estratégias de leitura. Leitura no ensino médio. Hipertexto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS	10
3 A PRÁTICA DA LEITURA	14
4 A HISTÓRIA DA LEITURA E DO ATO DE LER.....	15
4.1 ALFABETIZAÇÃO E A LEITURA	21
4.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	23
5 APRENDER A LER COM AS TECNOLOGIAS	27
5.1 O QUE É TECNOLOGIA	30
5.2 O HIPERTEXTO E A UTILIZAÇÃO DAS TIC EM PRÁTICAS DE LEITURA.....	32
6 ESTRATÉGIAS PARA ESTIMULAR O PRAZER DA LEITURA.....	39
6.1 PRÁTICAS INCENTIVADORAS DE LEITURA.....	42
6.2 ATIVIDADES REALIZADAS COM O HIPERTEXTO	44
7 METODOLOGIA: resgate do estudo bibliográfico.....	47
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXO A.....	56
ANEXO B.....	57
ANEXO C.....	58

1 INTRODUÇÃO

Como professora em escola pública do município de Dr. Ricardo, RS, há mais de 15 anos, temos tido contato com todas as séries do ensino fundamental ao médio e temos observado que a busca e o interesse pela leitura muda nas diferentes fases da vida.

A Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Ricardo* está localizada no centro da cidade de Doutor Ricardo, porém a maioria dos alunos é oriunda do meio rural. A agricultura comercializada nessa localidade provém do cultivo de milho e fumo, bem como da agricultura de subsistência de outras muitas culturas, sendo esta a base econômica do município. Alguns de nossos estudantes trabalham no comércio e indústria de laticínios. Como a escola Dr. Ricardo é a única de ensino médio da localidade, a grande maioria dos jovens da cidade frequenta nossa escola.

A escola possui hoje aproximadamente 204 alunos, distribuídos nos três níveis de ensino e nos três turnos. Os alunos com os quais realizo este trabalho estão na faixa etária de quinze e dezessete anos.

A escola desenvolve um projeto de incentivo a leitura que inclui estudantes desde os anos iniciais até o ensino médio e esse gosto pela leitura é evidente nos anos iniciais onde os alunos leem como se estivessem vivenciando as histórias dos livros. Com o passar dos anos percebe-se que este gosto vai se perdendo e a leitura, na opinião dos estudantes, se torna algo sem significado, monótono, eles perdem o interesse e a prática da leitura de textos literários, principalmente, passa a ser rara ou inexistente.

Buscamos com este trabalho proporcionar uma reflexão sobre algumas atividades propostas como alternativa aos procedimentos tradicionais, desta feita por meio do texto hipertextual, com o intuito primordial de resgatar o gosto pela leitura. A intenção é além de provocar a percepção dos alunos sobre a importância que a leitura tem para a sua formação intelectual, para reconhecer e conhecer outras culturas e povos, também refletir sobre como a escola pode repensar os projetos existentes para essa ação pedagógica.

Para operacionalizar esse trabalho de pesquisa, investimos na utilização de outras estratégias de trabalho para possivelmente surtir efeitos mais positivos no

*Autorizado pela diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Ricardo.

sentido de resgatar a prática da leitura em sala de aula. Para verificar isso, apresentamos leituras de impressos, de diferentes portadores textuais, salientando a leitura do hipertexto.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DOS ALUNOS

A Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Ricardo possui um projeto de leitura há oito anos, denominado “A Hora da Leitura” que envolve os estudantes desde os anos iniciais até o ensino médio. Esse projeto funciona da seguinte maneira: em determinado momento da semana, previamente agendado, toda a escola lê, desde funcionárias, professores, equipe diretiva e alunos. Porém, percebemos que este projeto foi se desgastando aos poucos, e ,atualmente, grande parte dos alunos sente-se desmotivada para participar dessa prática de leitura coletiva. Na condição de professora do Ensino Médio, especialmente com alunos concluintes, constatamos que estes alunos estão apáticos, desmotivados, parecem não compreender o valor da leitura. No momento da realização dessa leitura coletiva, os alunos querem fazer qualquer outra coisa, menos ler. Refletindo sobre isso, uma vez que consideramos a prática da leitura como essencial para desenvolver a concentração, compreensão e interpretação de textos escritos, em todas as disciplinas curriculares, não podemos esquecer que a 3ª série é concluinte, que boa parte dos alunos prestará exames para ingresso no ensino superior. Ainda, é de se considerar que este é um dos raros momentos que boa parte desses estudantes tem para realizar a leitura de textos literários na escola e, talvez, no seu cotidiano, especialmente os jovens do noturno, pois trabalham durante o dia.

Assim, justificamos o presente trabalho em vista do alto nível de reprovação no terceiro ano do ensino médio, bem como os baixos resultados obtidos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM),exame esse em que são analisadas habilidades e competências.

No portal do Mec. encontramos: “O principal objetivo do Enem é avaliar o desempenho do aluno ao término da escolaridade básica, para aferir desenvolvimento de competências fundamentais ao exercício pleno da cidadania”.

Também para reforçar a importância de desenvolver habilidades para exercitar competência, informa a Wikipédia (*on-line*) que:

O Enem é estruturado a partir de 5 competências – definidas como modalidades estruturais da inteligência, ações e operações que utilizamos

para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer – e 21 habilidades, definidas como decorrentes das competências adquiridas e que se referem ao plano imediato do “saber fazer”, articulando-se por meio das ações e operações.(WIKIPEDIA, *on-line*, s/d)

A leitura de textos literários, em nosso entendimento, desenvolve a habilidade de compreender e interpretar os mais diversos portadores de textos, além de ampliar os horizontes intelectuais de nossos alunos. O nível de reprovação dos estudantes do ensino médio (EM) e os resultados negativos apresentados pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sobre o desempenho dos alunos concluintes do EM, nos leva a pensar e a desejar saber mais sobre como a atividade de leitura está sendo desenvolvida na escola, desde as séries iniciais até o 3º ano do EM, em que atuamos.

Todas as avaliações externas como a Prova Brasil, ENEM, Vestibulares, seguem a mesma linha de aplicação, porém observa-se um grande número de reprovações porque, em geral, verificamos que os alunos não conseguem se concentrar no assunto tratado, seguir um raciocínio lógico e analisar as questões propostas, pois apresentam domínio de vocabulário limitado, o que os impede de compreender certos enunciados nestes exames. Nesse sentido, concordamos com Silva (1987, p.42) ao reforçar a ideia da importância da leitura como “[...] atividade essencial a qualquer área do conhecimento”.

De outro modo, como o aluno também precisa estar atualizado, eleva-se assim a importância de leituras de jornais e revistas, enfim de portadores de textos que os informem de notícias relacionadas com o seu entorno, país e o mundo.

No exame do ENEM, a maioria dos temas abordados nas provas está relacionada a situações de ordem social, tais como: problemas ambientais, problemas sociais, fatos marcantes da época. Segundo a Wikipédia (*on-line*, s/d) a redação geralmente pode ser caracterizada desta maneira: “Apresentada a situação-problema, que pode ser de ordem política, social e/ou cultural, pede-se que o candidato reflita, argumente e apresente uma solução para o problema proposto”. Já Renan Truffi cita alguns critérios observados pela corretora da redação do ENEM Eclícia Pereira (2011) “[...]é a de conter ideias pró- direitos humanos, meio ambiente, cidadania e justiça social”. (WIKIPEDIA, *on-line*)

Também na Wikipédia encontramos:

Esse posicionamento é revelado não só através de um conhecimento teórico mas também de seu repertório, que pode incluir leitura de jornais, livros, revistas e noticiários televisivos, a fim de construir uma argumentação convincente a favor de seu ponto de vista. (WIKIPEDIA, *on-line*, s/d).

Entendemos que com a leitura dos mais variados portadores de texto, o aluno poderá ser capaz de se posicionar criticamente face aos usos sociais da linguagem. Entendemos também que os sistemas de comunicação e informação como, jornais, revistas, rádio, televisão e *internet* são os que dão maior abertura para tal. Para uma leitura realmente competente e que lhe proporcione as habilidades de interpretação adequadas destes textos, nos remetemos ao conceito de competência.

Podemos conceituar competência, na perspectiva de Perrenoud (1999, p.7) como sendo a “[...] capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiando-se em conhecimentos, mas sem se limitara eles”.

Assim podemos entender como competência por algo que o indivíduo adquire com o tempo por necessidade ou por força de vontade.

Para desenvolver as competências dependendo da situação precisamos ter vários conhecimentos, como observamos no documento “Saeb 2001: Novas perspectivas” (BRASIL, 2002, p. 11), [...] Para Perrenoud (1999, p. 23) “[...] quase toda ação mobiliza alguns conhecimentos, algumas vezes elementares e esparsos, outras vezes complexos e organizados em rede.” [...] também neste documento é mencionado que habilidades referem-se, especificamente, ao plano objetivo e prático do saber fazer e decorrem, diretamente, das competências já adquiridas e que se transformam em habilidades.

O aluno ao se deparar com determinada situação deverá ter conhecimentos prévios para desenvolver esta ou aquela habilidade, e quanto às avaliações externas são observadas as habilidades de saber agir e interagir, compreendendo e participando do questionamento, fazendo inferências e emitindo uma opinião sobre o assunto tratado.

Para tal cada escola precisa adaptar o currículo à sua realidade local, proporcionando o desenvolvimento de habilidades e competências frente aos desafios do dia a dia.

O encarte Intensivo Novo Enem (Lima, 2009 p.31 e p.35) elenca as habilidades analisadas nesta avaliação (ENEM), tais como: reconhecer a função e o

impacto social das diferentes tecnologias da comunicação e informação e relacionar as tecnologias de comunicação e informação ao desenvolvimento das sociedades aos conhecimentos que elas produzem. Justifica-se, portanto a importância de se trabalhar com as tecnologias na educação. Sem elas o mundo demoraria muito mais para ser desvendado e descoberto. As leituras, desde que apropriadas, pela internet, facilitam a vida das pessoas e ajudam a desenvolver habilidades e competências, ajudam a informar e desenvolver capacidades cognitivas, com limites, orientação e mediação adequada de alguém mais experiente como o professor.

Com este trabalho esperamos que os alunos se conscientizem da importância da prática da leitura, não importando qual seja o tipo de leitura, mas que este hábito seja inserido em suas vidas.

3 A PRÁTICA DA LEITURA

O foco desta pesquisa são as interações dos estudantes com os diversos portadores de texto disponibilizados durante as aulas de Língua Portuguesa/Literatura, através de diferentes estratégias de leitura, com o apoio das tecnologias digitais disponíveis na escola. As tecnologias utilizadas são acessadas pelos alunos no seu local de estudo, a sala de aula.

Buscando entender como as tecnologias podem apoiar as práticas dos professores que buscam uma motivação necessária dos alunos para que realizem leituras nos momentos proporcionados na escola, assim, para isso, procuramos operacionalizar esse estudo monográfico com a seguinte pergunta: Como promover o interesse pela leitura em alunos concluintes do ensino médio?

Os objetivos para este trabalho são:

Objetivo geral:

- Promover a leitura na 3ª série do ensino médio com o apoio das tecnologias digitais.

Objetivos específicos:

- Provocar no aluno o gosto pela leitura.
- Oferecer diferentes estratégias de leitura.
- Analisar os resultados dessa nova abordagem com vistas a incentivar o gosto pela busca da leitura através das tecnologias.
- Trabalhar o hipertexto objetivando o resgate do gosto pela leitura.

4 A HISTÓRIA DA LEITURA E DO ATO DE LER

Antigamente, o privilégio da leitura era reservado a poucos. Durante o movimento do Humanismo, século XVI, somente a elite tinha acesso a esse conhecimento. Porém, nos últimos tempos, observamos que com o desenvolvimento tecnológico e econômico advindo da revolução industrial e, mais recentemente, com a utilização das novas tecnologias na educação, este hábito não só tornou-se uma necessidade como um direito de todos.

Porém o ato de ler não se restringe somente aos atos de decodificar palavras, mas sim a compreensão que fazemos das coisas e os sentidos que isso nos remete.

Paulo Freire (1981, p.1), na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura em Campinas, dizia: “[...] em processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. O ato de ler inicia-se no balbuciar das primeiras palavras seguindo a compreensão que a criança faz das coisas. A criança vai lendo o seu mundo e vai criando relações entre os seres que a cerca e isto vai tomando significado, fazendo-se presente em toda a sua vida. Ela vai fazendo a leitura de seu mundo. Para tudo tem um porque e este porque às vezes é indefinido.

O professor deve valorizar a leitura que os alunos trazem para a escola porque ela está carregada de significados e quando a criança já alfabetizada não consegue fazer relações entre o conteúdo trazido pelo professor com o seu mundo é porque este está distante de sua realidade. Ainda neste congresso Paulo Freire (1981) diz:

Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade (FREIRE, 1981, p.7).

Aqui está a razão da valorização do contexto social onde a criança está inserida. Conforme Freire (1981, p.7), “No fundo, esse conjunto de representações

de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma 'leitura' da 'leitura' anterior do mundo, antes da leitura da palavra.”

Então para melhor compreender o ato de ler buscamos algumas considerações sobre o assunto.

Segundo Bamberg (2004):

A pesquisa sobre leitura, um dos ramos mais jovens da ciência, projetou nova luz sobre o seu significado, não só em relação às necessidades da sociedade, mas também às do indivíduo. O “direito de ler” significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir. (BAMBERG, 2004, p.9)

A leitura esteve presente desde os tempos mais antigos como forma de adquirir conhecimentos e todo este conhecimento quer seja histórico tecnológico ou científico está registrado em materiais gráficos.

Como diz Silva (1987),

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento. (SILVA, 1987, p.38)

Sabemos que a leitura não é somente um meio de receber mensagem, mas acima de tudo um momento de descontração, bem como compreender, interpretar relacionar e aproveitar o que é importante.

Segundo Bamberg (2004, p.10), “A pesquisa nesse campo definiu o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto”.

Este processo de decodificar símbolos, de compreender as letras que, associadas entre si, formam sílabas e palavras, e que estão organizadas tomam outro sentido, exige que o cérebro esteja em constante funcionamento. Durante o processo de reconhecimento da leitura muitas células cerebrais, vão sendo ativadas para se obter esta compreensão. Este processo resume-se em cognitivo e de linguagem.

Este exercício de reconhecimento cognitivo traz a mente o conhecimento anterior e resulta num esforço intelectual. Assim sendo a leitura torna-se um

exemplo de aprendizagem, onde estudos psicológicos comprovaram que quanto mais se lê melhor se aprende.

Bamberg (2004) afirma que:

A boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as ideias do autor. Num nível mais elevado e com textos mais longos, tornam-se mais significativas à compreensão das relações, da construção ou da estrutura e a interpretação do contexto. Quando se estabelece a relação entre o novo texto e as concepções já existentes, a leitura crítica tende a evoluir para a criativa, e a síntese conduzirá a resultados completamente novos. (BAMBERG, 2004, p. 10).

Por isso que ao ler algo o aluno, quando já possui conhecimentos prévios, compreende melhor o assunto e consegue fazer relações com o mundo que o cerca e conseqüentemente consegue buscar outros textos que possam fazer alusões ao tema.

Todavia, ainda que não domine o assunto lido, o aluno leitor tem condições intelectuais (cognitivas) de construir novas estratégias de compreensão e lança mão delas, pois tem outras experiências de leitura anteriores que o auxiliarão a compreender o texto (em assunto totalmente desconhecido). Essas estratégias podem se beneficiar de outras construídas anteriormente (ou ele vai adequando sua leitura à medida que interage com colegas sobre o tema em leitura). Desta maneira podemos compreender então que segundo Bamberg (2004, p.10): “A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”.

Mesmo sabendo que o mundo tecnológico está evoluindo, nada substituirá a experiência humana, seus anseios e realizações. A leitura favorece o encontro do leitor com o seu eu, aumentando a promoção da linguagem e do seu intelectual.

Consta nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (Brasil, 1998):

A leitura é o processo no qual realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai ser lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de

compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p.69-70)

Ao analisar o que é leitura e os impactos que ela causa no leitor precisamos observar alguns pontos de vista, que, segundo Koch (2012), podem ser considerados diferentemente em função das seguintes posições:

- do autor: ele descreve tal obra e gostaria de ser compreendido da mesma maneira em que ela foi criada. Desta maneira a leitura é compreendida do ponto de vista do autor, sem levar em conta as vivências, experiências do leitor.

- do texto: neste foco, Koch (2012), salienta a interpretação feita pelo leitor, suas implicações, conhecimentos sobre o assunto. A leitura prende o leitor ao texto segue uma linha de pensamento, valoriza o sentido das palavras e estrutura textual.

- do autor-texto-leitor: nesta concepção, Koch (2012) ressalta a interação entre os três elementos. O texto está aberto para inúmeras interrogações, observa-se que o leitor pode questionar, opinar, ir além do texto, valorizar as intenções do autor, porém não se deter só a ele. Então nesta concepção todos os sujeitos interagem com o texto desta interação surgem os sentidos do texto.

Deste diálogo incessante entre as partes surgem as inúmeras possibilidades de compreensão do texto, ora analisado por diferentes leitores obtendo diferentes sentidos e significados.

Bakhtin (s.d., *apud* Kock 2012), fundamenta-se em uma concepção sociocognitiva-interacional de língua, que:

[...] privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação. O lugar mesmo da interação-como já dissemos-é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que durante todo processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que o leitor, concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc., uma vez que “toda compreensão é preche de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz”.(BAKHTIN, *apud* KOCH 2012,p.12)

Nesse contexto, a leitura de um texto requer conhecimentos não só de linguagem, mas os conhecimentos que o leitor traz consigo, os conhecimentos adquiridos com o passar dos anos, a cultura, a vida em sociedade.

Conforme Bamberg (2004), os livros sempre foram os portadores e transmissores do conhecimento seguindo as necessidades de modelos e ideais

buscando questionar e encontrar respostas superando as barreiras éticas sociais e morais ajudando a formar personalidades para ter uma visão global de mundo.

O desenvolvimento tecnológico continua a determinar a transferência total do trabalho manual para o trabalho intelectual. Os sociólogos acertaram, sem dúvida ao calcular que há uns cem anos, mais ou menos, em cada cem pessoas oitenta exerciam ofícios manuais, mas que, no futuro próximo, acontecerá exatamente o contrário: para cada vinte operários não-especializados haverá oitenta pessoas exercendo profissões intelectuais. (BAMBERG, 2004, p. 10).

Não basta somente ler para complementar a educação escolar, como a ciência e a tecnologia estão avançando rapidamente precisamos estar em constante aperfeiçoamento para podermos acompanhar estas evoluções e uma das maneiras de estarmos atualizado é lendo os mais variados meios de comunicação impressos. “Ler deriva de legere, que significa, no seu sentido próprio, colher, recolher” (ZACCUR, s.d., s.p.). E isto significa que através do ato de ler a pessoa, além de colher informações acerca do mundo, as recolhe para si. Esta busca pelas informações requer desafios e riscos. Para compreender o mundo ao nosso redor primeiro temos que entender como se processa o ato de ler. A criança ao se alfabetizar vai entendendo primeiro a leitura do mundo para depois compreender a leitura das palavras. Pela leitura a criança constrói significados da cultura em que vive e estabelece relações entre o conhecimento adquirido e o seu mundo. A escola geralmente é o lugar onde se constrói os saberes sociais porque é neste local que a criança compartilha os seus saberes com os dos colegas e com isso vai construindo outros conhecimentos a partir da sua vivência de mundo.

Segundo Foucault (1994),

Ser leitor é sentir-se comprometido com seu estar no mundo e com a transformação de si, dos outros, das coisas: é acreditar que se apreende o mundo quando se compreende o que faz ser como é [...] (FOUCAULT, 1994, p. 60).

Este é um ponto muito importante a ser observado, pois responde a inúmeras questões relacionadas ao porque ler ou não ler. Nós, professores, temos esse conhecimento de sua importância porque o aluno precisa aprender sobre isso e perceber que através da leitura o aluno pode ficar informado e ampliar seu vocabulário pode aguçar sua criatividade e tornar-se mais críticos.

O que nos faz leitores, às vezes, é a necessidade de receber informações sobre um determinado assunto, para ampliarmos o campo de conhecimento ou mesmo para ficarmos informados sobre os mais variados assuntos.

É necessário que tenhamos acesso aos mais diferentes textos para compreender e entender todos os gêneros textuais conforme diz Koch (2012, p.101) “[... como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações...]”, porque cada tipo textual foi escrito com um objetivo e tem características próprias, quer informar como uma reportagem, quer expor um ponto de vista um texto argumentativo, quer distrair ou ironizar uma charge. Para podermos saber as intenções do texto precisamos conhecer sua estrutura para perceber os impactos e mudanças causados na vida das pessoas.

Muito importante, ao pensarmos o planejamento do professor para uma aula de leitura é a escolha certa dos textos que serão oferecidos aos alunos e a elaboração de questões para reflexão sobre este, respeitando a idade, bem como o contexto histórico, no qual o aluno está inserido. O professor deve sempre refletir sobre o que o aluno sabe que nível de leitura está quando vai elaborar as ordens dos exercícios propostos, as questões sobre texto, que conhecimentos anteriores são fundamentais para assimilação do tema, para haver o diálogo entre leitor e texto.

Como educadores, precisamos mostrar que é importante ler e através de nosso planejamento dar continuidade a práticas que desenvolvam este hábito em todas as séries e níveis de ensino, bem como sugerir possibilidades para ampliar o universo de leitura dos alunos para a sua plena formação, através dos mais variados portadores de texto e meios de acesso à leitura, incluindo as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Sabemos que a leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos, significando que o leitor é um ser social que constrói experiências e história, que compreende o texto na medida em que consegue fazer relações entre as informações do texto e os seus conhecimentos de mundo. É importante que o aluno faça leituras de vários tipos textuais, que o professor faça questões acerca do tema, levante hipóteses, promova debates e assim o aluno poderá adquirir habilidades necessárias para comparar estas novas informações com as suas vivências e tirar suas conclusões pessoais ou mesmo assumir uma posição crítica sobre diversos aspectos.

Percebemos, às vezes, alunos desmotivados, desinteressados pela leitura porque o conteúdo exposto – nos textos propostos – não é de seu conhecimento e eles não conseguem identificar-se com nada e por isso não compreendem, pois a leitura proposta não faz sentido para eles. A função social da leitura seria ler para nos conectar com o outro que escreveu, saber o contexto social, o que pensava e também para buscar respostas para as nossas perguntas. Lemos para nos informar quando temos dúvidas e, com a leitura, vamos nos propondo objetivos que vão mudando de acordo com as necessidades. Precisamos levar nosso aluno a pensar e repensar seus objetivos ao ler.

De acordo com Silva (1987):

[...] as experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento. (SILVA, 1987, p. 38).

O desafio do professor é estimular seu aluno a ler sempre sabendo que o compromisso com os currículos escolares é grande e o tempo geralmente é pouco porque além de desenvolver capacidades de leitura precisamos capacitar o aluno na construção de um sujeito com domínio da língua.

4.1 ALFABETIZAÇÃO E A LEITURA

Na visão de Paulo Freire (1994), para compreender a palavra, é necessário que primeiro compreenda-se o mundo. Levando em consideração esse pensamento, podemos afirmar que todo conhecimento anterior do leitor o auxiliará a estabelecer uma relação com o texto e esta relação permite-lhe atribuir significado e sentido ao que escolheu para ler.

Também Paulo Freire (1994) trata da leitura do ponto de vista da alfabetização. Da perspectiva da abordagem acadêmica da leitura, aquela relacionada às pessoas cultas, que sabem ler e escrever corretamente, Freire (1994) assim a concebe:

Essa abordagem da leitura tem servido primordialmente aos interesses da elite. [...] Em segundo lugar, uma vez que seria irrealista esperar que a grande maioria da sociedade atendessem aos padrões tão elevados, redefiniu-se a leitura como a aquisição de habilidades de leitura e decodificação, desenvolvimento de vocabulário, e assim por diante (FREIRE, 1994, p. 93-94).

Então essa abordagem justifica a ideia que Paulo Freire tem de defender a valorização da identidade, o conhecimento de mundo, porque conforme afirma acima, quem teria acesso à leitura seria a elite, os que sabiam o latim e o grego e dominavam os clássicos da literatura e, a seguir, ele a concebe como um espaço de liberdade para a classe dominada aprender a ler e compreender os textos, já que a elite era a minoria, então deu-se oportunidade também às classes média e baixa ter este privilégio.

Assim complementa Paulo Freire (1994):

Essa dupla abordagem acadêmica da leitura é, por seu próprio caráter, inerentemente alienadora. Por um lado, ignora a experiência de vida, a história e a prática linguística dos alunos. Por outro, dá demasiada ênfase ao domínio e à compreensão da literatura clássica e à utilização do material literário como “veículos para exercícios de compreensão (literal e interpretativa), para o desenvolvimento de vocabulário e para as habilidades de identificação de palavras”. (FREIRE, 1994.p.94)

Sob essa concepção, a alfabetização servia para favorecer as classes dominantes porque não ouvia os menos favorecidos que eram os filhos de trabalhadores que estavam na escola para adquirir novos e partilhar os seus conhecimentos.

A meta da abordagem utilitarista da leitura é, segundo Freire (1994, p. 94), “[...] é produzir leitores que atendam aos requisitos básicos de leitura da sociedade contemporânea.”

Nesta abordagem, o autor salienta a leitura mecanicista, não levando em conta as necessidades sociais e políticas que dão origem à necessidade de leitura. Os famosos “alfabetizados funcionais” valorizados na sociedade atual.

A abordagem da leitura do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, segundo Freire (1994, p. 95): “[...] o modelo de desenvolvimento cognitivo dá destaque à construção do significado pelo qual os leitores se envolvem numa interação dialética entre eles e o mundo objetivo.”

Neste ponto de vista a leitura é vista como um processo intelectual. A bagagem cultural dos alunos não é considerada e sim o processo como o aluno adquire a leitura, realizando seus avanços até as estruturas mais complexas de significação.

Quanto à abordagem romântica da leitura, Freire (1994) nos diz que:

A abordagem romântica baseia-se numa abordagem interacionista centrada principalmente na construção do significado; contudo, a abordagem romântica encara o significado como sendo gerado pelo leitor e não como se dando na interação entre o leitor e não como se dando na interação entre o leitor e o autor via texto. (FREIRE, 1994, p. 96).

Nesta abordagem, o autor leva em consideração somente o leitor, o seu prazer com a leitura não se importando com a interação com o texto, descartando a possibilidade de valorização da bagagem cultural e seus conhecimentos, valorizando todos os seres pela emoção.

Sabemos que a criança por natureza gosta de leituras e antes mesmo de ser alfabetizada mentalmente e oralmente monta suas histórias relacionadas à sua vida, seus gostos, prazeres ou desprazeres.

Para podermos perceber os interesses das crianças pela leitura precisamos conhecer estas abordagens. Todas elas coexistem e, dependendo do contexto, nos apropriamos desta ou aquela abordagem. As crianças aprendem a ler, utilizam-se dos meios de decodificação de signos e estes vão tomando vida e significação.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Ao pensar sobre a importância de se trabalhar com a leitura de literatura no ensino médio, podemos mencionar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) reservaram um capítulo especial mostrando os valores que a literatura possui para a formação integral do educando.

Brasil (2002), ao se referir aos conteúdos tradicionais, diz que:

Ao ler este texto, muitos educadores poderão perguntar onde está a literatura, a gramática, a produção do texto escrito, as normas. Os conteúdos tradicionais foram incorporados por uma perspectiva maior, que

é a linguagem, entendida como espaço dialógico, em que os locutores se comunicam. (BRASIL, 2002, p. 144)

Pela leitura o aluno tem a possibilidade de exercitar a liberdade de pensamento, o aluno poderá fazer associações entre o momento em que a obra foi escrita com o momento atual, podendo assumir, desta forma, o papel do escritor, dos personagens, assumindo uma posição crítica e social.

Como sabemos, a literatura é uma arte, não a arte como prática artesanal, mas a arte de compreender textos, analisar, sentir, abstrair conceitos. Um retrato social de época. Como retrato social de época, a literatura era muito valorizada na antiguidade, porque os livros eram escritos para um determinado público e direcionada a ele. Somente uma classe elitizada tinha acesso à essa literatura e, assim, os temas predominantes estavam relacionados aos desejos dos leitores.

Antes as obras literárias eram editadas em forma de folhetim, em capítulos e, se o público mostrava interesse, elas continuavam a ser publicadas, caso contrário, acabavam. Mais tarde, passaram a ser publicadas em forma de livro, com preços mais acessíveis para que a maioria da população tivesse acesso.

Assim sendo a literatura foi se expandindo e mais pessoas podiam utilizá-la. Em seu sentido geral, *stricto sensu*, pode ser considerada a arte que se constrói com palavras.

Na Lei de Diretrizes e Base do Ensino Médio (LDBEN) n 9.394/96 no Art.35, inciso III, (Brasil, 2008, p.53), encontramos que leitura é: “Aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Entendemos que o inciso da LDBEN dá essa liberdade para se tratar a leitura como algo formador de personalidade e criticidade, o aluno tem a possibilidade de exercer essa autonomia de escolhas.

Em cumprimento a este artigo da lei Antonio Cândido (1995), este trata ainda a literatura como algo de humanização:

Entendo aqui por humanização [...]o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 1995, p.249)

Seguindo o pressuposto de Cândido, não podemos exigir de nosso aluno, no que tange a literatura, só o conhecimento dos períodos literários, de estilos, de biografias de escritores, das escolas literárias, mas, acima de tudo, entendemos que o mais importante é formar leitores através de práticas que proporcionem o desenvolvimento da habilidade e do prazer de ler os mais variados textos literários.

Acreditamos que atividades que desenvolvam o gosto pela leitura, que oportunizem aos alunos a ler sem aquele compromisso conteudista, mas, sim, como maneira de se descobrir como ser humano ou de descobrir um outro eu, às vezes sufocado aos devaneios da leitura, este pode ser redescoberto e valorizado.

O contato com o livro provoca um estranhamento que, pela experiência vivida, provoca uma ampliação dos horizontes, aguça os sentimentos, desenvolve a sensibilidade, desperta interesse pelo desconhecido, foge dos padrões antes cobrados na escola como literatura (conhecimento científico).

Segundo Borges (1987) *apud* BRASIL(2008):

Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando o livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto. (BORGES, 1987, *apud* BRASIL, 2008, p.65)

Aqui entra o papel do leitor, porque este é que vai dar vida ao livro, um livro fechado numa prateleira não tem valor algum, porém, em contato com o leitor, toma uma outra direção. E, nesse âmbito, a leitura ultrapassa os limites da obra. A mesma obra lida por diferentes leitores, em diferentes épocas, causará diferentes sensações. Sabemos que o mesmo livro lido por pessoas diferentes irá repercutir diferentemente em suas vidas, porque, dependendo do assunto, cada leitor irá compreendê-lo de maneira diferente.

E, como professores que somos, muitas vezes, não entendemos por que nosso aluno não lê. Talvez estejamos oferecendo apenas textos que não lhe interessam, não lhe dizem respeito, não lhes fazem sentido.

Segundo Umberto Eco (1989, p. 101), há dois tipos de leitores: “O primeiro é a vítima, designada pelas próprias estratégias enunciativas, o segundo é o leitor crítico, que ri do modo pelo qual foi levado a ser a vítima designada.”

Assim sendo, podemos caracterizar o primeiro leitor como aquele que simplesmente conhece o resumo e não se detém a outras informações; e, o segundo, como aquele que vai além do texto, e, como o texto é narrado, busca outras leituras para fazer relações, faz referências a fatos do dia a dia, não se satisfaz só com o resumo e busca saber mais do momento histórico, hábitos e costumes, estabelece relações com o seu modo de viver.

Porém, dependendo das circunstâncias, temos este ou aquele tipo de leitor, ou os dois: se somos leitores vítima, nos atemos a leituras com poucos elementos; se, por outro lado, formos do tipo leitor crítico, iremos buscar textos mais complexos, mais elaborados, iremos buscar outras leituras para aumentar nossa capacidade de abstração.

5 APRENDER A LER COM AS TECNOLOGIAS

A educação deve favorecer a constante transformação de educadores e educandos, facilitar a construção da identidade e desenvolver habilidades tanto humanas como profissionais. Cabe ao professor adequar as habilidades ao momento histórico e à situação de aprendizagem.

Segundo Moran (2000, p.137) “Na sociedade de informação todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar e aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social.” (MORAN, 2000, p. 137).

O professor tem uma tarefa muito importante no seu fazer pedagógico, ou seja, de planejar suas aulas observando a integração das mídias e tecnologias disponíveis. Além deste planejamento metodológico, ele deve aprender as maneiras de se comunicar com os alunos e também manusear as tecnologias a fim de que elas possam auxiliar na aprendizagem de seus alunos, pois independentemente do instrumento pedagógico utilizado pelo professor, ele deve planejar suas aulas de forma significativa e produtiva.

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para os usos democráticos mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos (MORAN, 2007, p.165).

Atualmente, observamos que nossos educandos estão em contato direto com todo e qualquer tipo de tecnologia, que devemos procurar integrar em nossas aulas, pois sabemos que é impossível ignorá-la. Devemos aproveitar e ensinar aos nossos alunos que é preciso ser crítico e questionador frente a esta ferramenta (*internet*), que bate a nossa porta e, sem pedir licença, invade nossas casas, escolas e todo lugar por onde andamos.

Transformar as salas de aula tradicionais em salas multimeios é um desafio, pois leva a mudanças radicais nos currículos escolares, bem como em todo o corpo docente, que precisa se adaptar às mudanças, que exigem desconforto.

O aluno deve sentir-se bem e feliz no espaço escolar, porque sabemos que o aprendizado será bem melhor quando o aluno estiver motivado e for bem acolhido.

O professor com todos estes instrumentos pedagógicos e tecnológicos disponíveis será o mediador desta construção de conhecimentos, em que preparará suas aulas bem diversificadas, aproveitando todos as ferramentas possíveis a fim de motivar seu aluno a estudar mais, pesquisar mais e também utilizar as tecnologias a seu favor. A tecnologia, quando bem utilizada, é uma forte aliada dos professores, pois com o auxílio dela, o trabalho docente fica certamente mais interessante e dinâmico.

A utilização das ferramentas disponíveis na *internet* pode ser um diferencial em aula. Moran (2007, p. 247) salienta: “A sala de aula será cada vez mais um ponto de partida e de chegada, um espaço importante, mas que se combina com outros espaços para ampliar as possibilidades de aprendizagem”. E, mais ainda, Moran (2007, p. 251) enfatiza que “A internet favorece a construção colaborativa, o trabalho conjunto entre professores e alunos, próximos física ou virtualmente”.

O professor, antes figura central no processo ensino-aprendizagem, passa a ser o coordenador, o motivador, o incentivador do grupo, quando seus integrantes estão em interação em espaços organizados, com computadores, por exemplo, seja para realização de pesquisa, seja para a construção de textos autorais, ou seja para a utilização dos mais diversos aplicativos utilizados para o aprendizado.

Nos espaços organizados para a utilização da tecnologia, principalmente a que envolve computadores e esses conectados à *web*, como as midiatecas ou salas multimeios, observamos os estudantes e professores interagindo mais, os que têm mais facilidade ajudam os outros e a colaboração é facilitada. O professor, agora como mediador, ajuda a situar o aluno neste novo contexto e ambos participam e aprendem.

Para Moran (2007),

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes (MORAN, 2007, p. 163).

Com as tecnologias digitais temos a possibilidade de observar o mesmo objeto de várias formas e meios diferentes integrando este objeto a realidade pelos movimentos, cenário, espaço e sons.

Sabemos que a educação é um processo de formação da consciência crítica, recebemos as informações, porém estas precisam ser questionadas para se poder ter uma noção do todo. A escola deve ser o local que, através das mais variadas estratégias, planejadas e pensadas pelos profissionais que nela atuam, ajuda as pessoas além de outras competências, realizar sínteses a partir das informações coletadas observando o momento-contexto, na troca entre sujeitos para se chegar a uma conclusão própria. Neste local, a escola, a comunicação deve ser sempre valorizada.

A educação escolar precisa se abrir para compreender as novas tecnologias, ser mais democrática e aberta, respeitar as informações que os alunos trazem e questioná-los sempre que necessário, pois somente assim a criticidade será desenvolvida.

Na sociedade digital se faz necessário que os cidadãos estejam preparados para lidar com a tecnologia. Logo é necessário estar alfabetizado e letrado, ao mesmo tempo.

Na contemporaneidade, existem pessoas que não estão alfabetizadas e nem letradas digitalmente, e este é um grande desafio das escolas. A escola sofre as influências das tecnologias e da crescente popularização da *internet*.

Contudo, há necessidade do convívio entre as velhas e novas tecnologias, afinal todas oferecem ao professor possibilidades de desenvolver processos de produção de conhecimento.

Para destacar a relevância do tema Kenski (2008) relata:

Um saber ampliado e mutante caracteriza o estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica, é o desafio a ser assumido por toda a sociedade. (KENSKI, 2008, p. 41)

Portanto, como nos diz Kenski (2008, p. 125), o treinamento técnico intensivo dos professores para o uso de computadores não é suficiente; há necessidade de formação pedagógica e crítica “[...] para o desenvolvimento de projetos educacionais de acordo com os mais novos paradigmas e teorias educacionais”. E, dentre esses projetos educacionais em moldes modernos e atraentes está o desenvolvimento da

prática da leitura frente às novas tecnologias, no espaço escolar, especialmente no Ensino Médio.

5.1 O QUE É TECNOLOGIA

Para podermos entender o que é tecnologia aproveitamos a citação de Kenski (2007):

A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Diferentes períodos da história da humanidade são historicamente reconhecidos pelo avanço tecnológico correspondente. Às idades da pedra, do ferro e do ouro, por exemplo, correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas as novas tecnologias para o aproveitamento desses recursos da natureza, de forma a garantir a melhor qualidade de vida. (KENSKI, 2007, p. 21)

O homem desde os primórdios aproveitou tudo o que a tecnologia dispunha desde galhos secos para fazer o fogo até ossos e pedras para se proteger, para preservar sua espécie e garantir seu sustento.

Para reforçar a ideia que as tecnologias sempre estiveram ao serviço do homem Kenski (2008, p.15) afirma: “As tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana. Na verdade, foi a engenhosidade humana, em todos os tempos, que deu origem às mais diferenciadas tecnologias” .

Em nosso dia a dia, nos deparamos com as tecnologias desde os primeiros hábitos de higiene como escovar os dentes até aos exames médicos mais microscópicos e sofisticados a que somos submetidos, como por exemplo, cirurgias a laser.

Com a invasão de privacidade ocasionada por alguns equipamentos tecnológicos e tecnologias, pessoas chegam a pensar que estes artefatos tecnológicos possuem vida própria podendo salvar o mundo ou extingui-lo por completo. Um exemplo disso é a televisão, que tem forte poder de persuasão, pois dado aos seus recursos, linguagens e programas, torna pessoas reféns, não tendo essas mais tempo para dialogar com os demais integrantes da família. E através dela nos é mostrado um modelo ideal de família, e, se esta família não tem o perfil esperado, acaba sendo rotulada como desestruturada e corrompida, outro fator

importante de se considerar quanto à influência social da tecnologia ou mídia de massa na construção do pensamento das pessoas.

Segundo Reis (1995), a tecnologia pode ser vista como: artefato, cultura, atividade com determinado objetivo, processo de criação, conhecimento sobre uma técnica e seus respectivos processos. Com isso, podemos compreender a tecnologia com múltiplos conceitos e significados conforme o contexto social e histórico.

Já Kline (1985) *apud* REIS (1995), *in* MEC (2005), propôs uma definição de tecnologia:

O estudo do emprego de ferramentas, aparelhos, máquinas, dispositivos materiais, objetivando uma ação deliberada e a análise de seus efeitos, envolvendo como o estudo do emprego de ferramentas, aparelhos, máquinas, dispositivos, uma ou mais técnicas, para atingir um determinado resultado, o que inclui as crenças e os valores subjacentes às ações, estando, portanto, relacionada com o desenvolvimento da humanidade. (KLINE, 1985, *apud* REIS, 1995, p.48)

Partindo deste enunciado, entendemos que a tecnologia é algo amplo, complexo, às vezes, singular e vai se definindo como prioridade e ou necessidade, respeitando as necessidades particulares do ser humano. Desta forma, tecnologia, sociedade e cultura vão se interligando, porque as tecnologias são fruto de uma sociedade e uma dada cultura. Nesta rede, o homem é o fator mais importante porque pode planejar e construir de acordo com os anseios do restante da população.

Analisando a evolução e criação das tecnologias, percebemos que a sua invenção foi para facilitar a vida do homem, porém este, ao invés de usá-la como meio de emancipação humana, a utiliza, muitas vezes, como meio de dominação.

Na escola, todavia, tecnologias e conhecimentos unem-se para construir novos conhecimentos, permitindo a compreensão de problemas atuais e visando construir ações e práticas alternativas para transformar novos cotidianos.

O uso da tecnologia digital, por exemplo, pode proporcionar mudanças no contexto escolar, pois métodos tradicionais vão se mesclando às novas mudanças na construção de conhecimentos. Um desses recursos resultantes da tecnologia digital e apoiada na *web* é o hipertexto, que aparece como um instrumento educacional nesta construção de aprendizagens.

5.2 O HIPERTEXTO E A UTILIZAÇÃO DAS TIC EM PRÁTICAS DE LEITURA

Atualmente o mundo está passando por mudanças muito rápidas nas ciências e na tecnologia que o conhecimento está se expandindo muito rapidamente. Estas informações chegam até nós tão velozmente, que não podemos nos deter aos livros e aos materiais impressos para descobri-las. Estas informações, na maioria das vezes, nos são passadas através de microcomputadores ou aparelhos celulares acessando alguns *sites* descobrimos rapidamente o que está se passando ao nosso redor e do outro lado do mundo. Esta maneira de leitura nos dá a oportunidade de conhecermos vários assuntos ao mesmo tempo e nos deter naquele que mais nos interessa.

A primeira ideia de hipertexto foi enunciada em 1945, por Vannevar Bush, no artigo “As We May Think”.

Lévy (1993) relembra Bush assim:

Bush era um matemático e físico renomado que havia concebido, nos anos trinta, uma calculadora analógica ultra-rápida, e que tinha desempenhado um papel importante para o financiamento do Eniac, a primeira calculadora eletrônica digital. (LÉVY, 1993, p. 28)

Landow (1992) cita o artigo “As We May Think”, dizendo que Bush conceitua os blocos de textos, elos, conectividade, dando outra ideia de texto. Porém foi nos anos sessenta que o termo hipertexto ganha estrutura, com Theodor H. Nelson (1965) e seu projeto Xanadu o qual todos os documentários literários estariam compilados ali e todos teriam acesso a eles. Ele também é inventor do *stretch text*, que significa texto elástico, pois conforme as informações nele obtidas, podese expandir ou contrair. Assim sendo, Nelson queria com este tipo de leitura e escrita mostrar um sistema com muitas dimensões.

Nelson (1992) afirma:

[...] Assim, eu defino o termo hipertexto simplesmente com escritas associadas não sequências, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leituras em diferentes direções. (NELSON, 1992, p. 161).

A leitura dos livros e impressos vem sendo substituída pela leitura pela internet, a leitura hipertextual, como sugere o nome aquela que vai além do texto, aquela que abre outros caminhos, através de *links* ou busca de novos textos ou sites de informação sobre o assunto desconhecido, ou que desejamos aprofundar.

O hipertexto é considerado um texto aberto onde o leitor poderá analisar várias possibilidades de leitura e escolher aquela que mais lhe interessa e conseqüentemente estas leituras estarão interligadas pela lógica do sentido.

Levando em consideração essas afirmações, entendemos que o profissional de educação deve buscar alternativas de trabalho coma utilização do hipertexto, o reconhecendo como uma ferramenta de aprendizagem que possibilita a autoria, onde professores e alunos aprendem.

Para o aluno, as alternativas de leitura utilizando o hipertexto propicia a colaboração, pois como não existe grupo homogêneo, o hipertexto atende essas diferenças individuais, cada um trabalhará de acordo com seu ritmo e grau de interesse, porém respeitando as metodologias e planos do professor ao propor a atividade.

O aluno a partir do hipertexto reconhecerá vários níveis de leitura salientando a compreensão, interpretação assimilação e análise. O que ocorre, às vezes, é que o leitor não faz essas associações, não atinge essa compreensão, portanto não elabora ressignificados e dessa maneira não gosta de ler.

No mundo virtual, em rede, vamos muito além do texto, e com o hipertexto temos esta possibilidade de organizar nosso pensamento porque nosso cérebro trabalha em rede. Sendo assim, a compreensão se dará de forma mais abrangente e clara.

Segundo Lévy (1996),

O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel, ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa. (LÉVY, 1996, p. 40)

Morin (2002, p. 566) diz: “[...] o conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade”. Para aprender numa sociedade em rede é preciso entender que tudo está conectado a tudo, que precisamos escolher caminhos e a autoria está em descrever o caminho escolhido.

Trabalhando com textos em hipertexto, alunos e professores aprendem juntos quando a metodologia utilizada pelo professor possibilita o respeito às individualidades e dá abertura para questionamentos e decisões, levando em conta as diferenças individuais, ritmo e grau de interesse dos envolvidos.

Segundo Lúcia Leão (2005, p.16), “O leitor em hipermídia é um leitor ativo, que está a todo momento estabelecendo relações próprias entre diversos caminhos”. Este leitor não será um leitor acomodado e sim um leitor desacomodado que não se satisfaz com as informações ali veiculadas e quererá buscar outros textos e fazer as relações.

A *internet* pode melhorar a relação de leitura e escrita, pois as várias fontes de informação possibilitam o desenvolvimento do senso crítico, critérios de escolhas e treinamento de leitura. Sabemos que há várias maneiras de se acessar a internet, e nós, como educadores, precisamos estar atentos e buscar dar informações aos nossos alunos sobre os conteúdos veiculados e proporcionar momentos de escolhas onde os alunos deverão descobrir este mundo tecnológico que dá possibilidades para inúmeros caminhos e pesquisas.

Para melhor compreender a estrutura do hipertexto precisamos conhecer seus princípios constitutivos que são: não-linearidade, intertextualidade, interatividade e heterogeneidade.

Segundo Fiorentini, *apud* Parente (2003),

Cada nó da rede hipertextual é apenas uma atualização possível entre outras, cada nó é potencialmente outra rede, ao infinito. A rede não possui unidade orgânica, ou seja, uma totalidade, nem centro, ela é acentuada. Na verdade, seguindo Barthes, na rede abundam muitas redes, que atuam sem que nenhuma delas se imponha às demais, e, além disso, não há princípio, mas diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa ser qualificada como principal. (FIORENTINI, *apud* PARENTE, 2003, p. 53).

Conforme o pensamento do autor acima podemos perceber que o hipertexto não é linear, as possibilidades de transitar pelo mesmo dependo do leitor, salientando que não há informação mais ou menos importante, e sim há escolhas dependendo da intenção ou rumo tomado.

De acordo com Marcuschi (1999, p. 9), o hipertexto, “Não é hierárquico nem tópico, por isso ele é um espaço de escritura e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver”.

Podemos com o hipertexto adaptar o texto ao seu leitor-usuário, acessando os assuntos que lhe interessam, pesquisando todos os pontos, porém aproveitando o que lhe convém, mesmo sabendo que ainda a leitura linear é bastante explorada nas escolas, o hipertexto rompe com os padrões escolares e surge como algo muito complexo. Apesar de ele dar abertura a vários caminhos as informações não são soltas e sim interligadas.

Segundo Fiorentini *apud* Parente (1999),

O hipertexto vai favorecer a intertextualidade em todos os seus níveis, um processo de abertura do texto através da qual este se dá a ler como rede de interconexões. A ideia geral é a de que o texto não tem um sentido que preexistiria à sua leitura. Pela intertextualidade, podemos dizer que é a leitura que constrói o texto. Na verdade, a intertextualidade constitui uma forma de pensamento em rede que se contrapõe à ideologia de uma leitura passiva, guiada pela ordem dos discursos. (FIORENTINI *apud* PARENTE, 1999, p.87)

Como o hipertexto é uma forma textual onde vários textos vão se ligando e estes novos textos estão carregados de sentidos e significados, então vão se interligando e a comunicação entre usuário e texto dá-se pela intertextualidade. A partir dos textos e das pesquisas anteriores cria-se um novo texto.

Outra característica é a interatividade onde a partir dos textos lidos o leitor tem a possibilidade de criar o seu texto através dos *links* ele vai navegando e descobrindo novos textos e conseqüentemente outras possibilidades de percurso vão surgindo. Nesta nova visão de leitura o leitor não é um ser passivo, mas sim ativo, pois vai agindo e interagindo com o texto, visão mais aberta de leitura e escrita.

O recolhimento, a acolhida e o incentivo a leitura além da palavra grafada-abrangendo as múltiplas linguagens que nos cercam e suas interfaces-seriam condições mais que elementares, decisivas, para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem no cotidiano de qualquer disciplina, diminuindo frustrações entre alunos e professores. E beneficiando a aquisição, a transmissão de informações e, principalmente, a sua transformação em conhecimento, num trabalho conjunto (MARTINS, 1998, p.291).

No hipertexto não só as palavras tomam sentido, mas sim imagens estáticas ou em movimento, sons e fontes distintas, enfim um texto heterogêneo onde todos estes elementos se mesclam para dar ênfase ao texto tornando-o mais agradável e melhor compreendido.

O hipertexto é algo que vai além do texto. Contrapõe o processo de leitura na sequência, dá ao leitor uma liberdade de navegação, não segue uma linearidade pré-estabelecida. Uma das vantagens do hipertexto é que as informações vêm de forma imediata e vão direto ao assunto que interessa. Uma desvantagem é a desorientação que este pode causar, e em relação à autoria, o hipertexto tem características subversivas, entende-se que uma vez na rede, o mesmo vai estar exposto ao ser publicado, passa a ser algo público, de todos seus leitores. O que acontece no hipertexto é que vários autores vão colocando seus pensamentos, é um trabalho coletivo, ainda que respeitando as individualidades.

O Hipertexto, segundo Vilan Filho, da revista Ci. Inf. (1994) pode ser definido como:

[...] uma abordagem da gestão da informação na qual os dados são armazenados em uma rede de nós conectados por ligações. Os nós podem conter textos, gráficos, áudio e vídeo, bem como programas de computador ou outras formas de dados. (BRASIL, 1994, p. 297)

Os componentes básicos de um hipertexto são os nós e as ligações. Os nós podem ser descritos como unidades de informação em um hiperdocumento que podem conter um ou mais tipos de dados, tais como: textos, figuras, sons, fotos, entre outros. As ligações são marcas que conectam um nó ao outro.

Para Vilan Filho (1994),

[...] geralmente representadas por pontos sensíveis na tela que indicam a origem ou o destino das ligações. Podem ser palavras ou frases em destaque (negrito, itálico ou cores), mas também podem ser gráficos ou ícones (BRASIL, 1994, p. 1994).

Um computador conectado à *Internet* pode representar uma infinidade de explicações. Pode representar infinitas memórias e acessos interconectados. Segundo Lévy (2003, p. 47), “[...] um computador ramificado no hiperespaço pode recorrer às capacidades de memória e de cálculo de outros computadores da rede (que, por sua vez, fazem o mesmo)”.

A partir desse contexto complexo, precisamos pensar a leitura. Contudo, a leitura não foi sempre a mesma, em todo o lugar, todo o tempo. Pode ser compreendida como a leitura de um texto impresso, de um texto eletrônico, de um quadro, uma fotografia, etc., que, a partir deste, constitua uma significação nova

para o leitor. E nem sempre a leitura ocorreu do mesmo modo, mas foi se desenvolvendo e acompanhando a história. Sabemos que nem sempre os povos do ocidente leram desta maneira, mas foram se adaptando. As inúmeras revoluções da leitura transformaram gestos e hábitos de leitores.

O leitor de hipertexto, para Lévy (2003), é mais ativo do que o leitor de impressos. Ele explica que antes mesmo de interpretar o sentido do texto, “ler em tela” é enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa. Assim a leitura pode ser em partes sem perda de conteúdo e sentido, o que não ocorre com o texto em papel onde é preciso seguir uma linha para não ser perdido o elo da conectividade.

A leitura mais ágil e sem limites do hipertexto, em relação ao texto, se deve à infinidade de links disponíveis. Estes mecanismos se conectam a outros hipertextos de forma não linear e não sequencial.

Entre as principais características apresentadas para o hipertexto encontram-se as seguintes, seguindo Koch (2005):

1. não linearidade (geralmente considerada a característica central)
2. volatilidade, devida à própria natureza (virtual) do suporte;
3. espacialidade topográfica, por se tratar de um espaço de escritura/leitura sem limites definidos, não hierárquico, nem tópico;
4. fragmentariedade, visto que não possui um centro regulador imanente;
5. multisemiose, por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos e sensoriais numa mesma superfície de leitura (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais);
6. interatividade, devido à relação contínua do leitor com múltiplos autores praticamente em superposição em tempo real;
7. iteratividade, em decorrência de sua natureza intrinsecamente polifônica eintertextual;
8. descentração, em virtude de um deslocamento indefinido de tópicos, embora não se trate, é claro, de um agregado aleatório de fragmentos textuais (KOCH, 2005, p. 64).

Para essa autora, “O hipertexto tem sido apontado como algo radicalmente inovador, como um novo paradigma de produção textual” (KOCH, 2005, p.67). Porém, conforme Marcuschi (1999), “[...] a rigor, ele não é novo na concepção, pois sempre existiu como ideia na tradição ocidental; a novidade está na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade”. Ainda, para Perfetti, citado por Koch (2005, p.67), “[...] a questão central não está em discutir a relação entre texto e hipertexto, mas em admitir que se trata sempre de textos”.

Isso nos faz pensar que é mais relevante descobrir então como os leitores processam os diferentes tipos de informação, seja em textos ou hipertextos. “Inclusive, como os leitores integram aos seus conhecimentos as informações que vão acessando” (KOCH, 2005, p.67). Conforme aponta a autora, o problema está no uso das informações acessadas, ou seja, o seu processamento, e não o acesso ou a quantidade de coisas acessadas.

O hipertexto permite ao leitor decidir o rumo a seguir na sua viagem pela leitura, tornando o tempo e o espaço, em relação à construção textual, flexível.

6 ESTRATÉGIAS PARA ESTIMULAR O PRAZER DA LEITURA

O conceito de estratégia segundo Koch (2002, p. 50) é “[...] uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”.

Já Solé (1998, *apud* VALLS, 1990) afirma que

A estratégia tem em comum com todos os demais procedimentos sua utilidade para regular a atividade das pessoas, à medida que sua medida permita selecionar, avaliar, permitir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos (SOLÉ, 1998, *apud* VALLS, 1990, P. 69).

Desta maneira podemos compreender que estratégia é uma maneira de preparar algo um procedimento ou mesmo uma metodologia, que não se sabe ao certo se vai dar resultado satisfatório, porém indispensável no fazer pedagógico.

Em se tratando de estratégias sociocognitivas, Koch (2002) escreve que para haver um processamento textual é necessário observar três grandes sistemas de conhecimento. Assim, temos o “conhecimento lingüístico”, que, segundo Koch (2002):

Abrange o conhecimento gramatical e lexical. Baseados nesse tipo de conhecimento, podemos compreender: a organização do material lingüístico na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual; a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados (KOCH, 2002, P. 40).

Neste item o leitor deve ter conhecimentos gramaticais da língua e os sentidos das palavras, conhecer expressões para poder compreender o texto.

A seguir, vem o “conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo”, que, para Koch (2002),

Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo-uma espécie de thesaurus mental-bem como a conhecimentos pessoais alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos. (KOCH, 2002, p.42)

E para entender os sentidos do texto temos que ter conhecimentos adquiridos com as vivências de mundo deste conhecimento precisamos para fazer as relações com as coisas do mundo para associá-las com as lingüísticas (KOCH, 2002).

Há o “conhecimento interacional”, que se subdivide em “ilocucional”, “comunicacional”, “metacomunicativo” e “superestrutural”.

- Ilocucional: “Pretende-nos reconhecer os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional.” (KOCH, 2012, p. 46). Deixa claras as intenções de autor ao escrever o texto.

- Comunicacional:

Diz respeito à: Quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto; Seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação. Adequação do gênero textual à situação comunicativa (KOCH, 2012, p. 50).

Este conhecimento é fundamental para a compreensão textual onde o autor deixa o leitor por dentro da obra.

- Metacomunicativo: é, segundo Koch (2012, p. 52): “[...] aquele que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir aceitação pelo parceiro dos objetivos com o que é produzido”. É maneira que o autor tem de apresentar as ideias de tal forma que o leitor compreenda, o autor se coloca no lugar do leitor.

- Superestrutural: é, conforme Koch (2012, p. 54): “Permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social”. Ao ler um texto já devemos conhecer os tipos textuais para melhor compreender a sua estrutura, os elementos que a compõe.

Ao solicitar uma leitura de um determinado texto o professor deve levar em conta todos estes conhecimentos ela considera importante para a leitura ser eficiente todos os conhecimentos devem ser reconhecidos pelo leitor.

Se estratégias subentendem-se objetivos, ações, metas a serem alcançadas, Solé (1998) destaca algumas implicações:

1. A primeira é tão óbvia que nem sei se é preciso formulá-la... enfim, vamos lá. Se as estratégias de leitura são procedimentos e os procedimentos são conteúdos de ensino, então é preciso ensinar estratégias para compreensão de textos. Estas não amadurecem, nem se desenvolvem, nem emergem, nem aparecem. Ensinam-se – ou não se ensinam- e se aprendem-ou não se aprendem.

2. Se considerarmos que estratégias de leitura são procedimentos de ordem elevada que envolvem o cognitivo e o metacognitivo, no ensino elas não podem ser tratadas como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. O que caracteriza a mentalidade estratégica é sua capacidade de representar e analisar os problemas e a flexibilidade para encontrar soluções. Por isso, ao analisar estratégias de compreensão

leitora, entre os alunos deve predominar a construção e o uso dos procedimentos do tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas. Por esse motivo, ao abordar estes conteúdos e ao garantir sua aprendizagem significativa, contribuimos com o desenvolvimento global de meninos e meninas, além de fomentar suas competências como leitores (SOLÉ, 1998, p. 70).

Entendemos com estas implicações que estratégias podem ser entendidas como algo flexível, que a todo o momento precisa ser avaliado para sabermos como os alunos estão aproveitando esta oportunidade de se apropriar desta técnica de se tornar leitores, porém as estratégias não são estáticas sofrem mudanças a cada momento.

Ao ler, o leitor interage com a obra construindo sentidos (KOCH, 2012). E para salientar esta afirmação Solé (2003) pondera que: “Desse leitor espera-se que processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace que dê sentido e significado ao que lê (KOCH, *apud* SOLÉ, 2012, p, 13).

Ao nos depararmos com o texto, temos inúmeras possibilidades de analisá-lo e, como leitores, já vamos internalizando uma série de perguntas e respostas relacionadas ao tema.

Esta série de interrogações deverão também perceber nossos alunos ao se depararem com o texto e não encontrando as respostas é um motivo a mais para buscar outras leituras relacionadas ao assunto e, conseqüentemente, seu mundo gramatical e lexical será ampliado.

Segundo Koch (2012):

Mais ainda: processamos, criticamos, contratamos e avaliamos as informações que nos são apresentadas, produzimos sentido para o que lemos. Em outras palavras, agimos estrategicamente, o que nos permite dirigir e autorregular nosso próprio processo de leitura (KOCK, 2012, p. 18).

Ao ler, temos inúmeros objetivos, quer seja para nos mantermos informados, quer realizar trabalhos acadêmicos, escolares, quer ler por prazer, gosto pessoal, ou ainda lemos, às vezes, porque somos obrigados a saber o funcionamento de algo ou mesmo por necessidade quando se trata de um texto instrucional.

Assim, como diz Koch (2012, p.19), “São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, em mais tempo ou em menos tempo; com mais atenção ou com menos atenção; com mais interação ou com menos interação, enfim.”

Sabendo que a leitura pode, em épocas diferentes, contextos diferentes, vivências diferentes, ter resultados diferentes de conhecimentos, o que hoje consideramos importante amanhã não será mais. O leitor e seus conhecimentos são diferentes de outro leitor e seus conhecimentos. Cada leitor realiza uma leitura exclusivamente única, posto que diferente. E, ainda com Koch (2012, p.21), “Considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação ao mesmo texto.”.

6.1 PRÁTICAS INCENTIVADORAS DE LEITURA

Com respeito ao acima exposto e, tendo em vista, buscar estratégias de leitura, que contemplem a realidade dos educandos do 3º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Ricardo, de Dr. Ricardo, RS, turma esta composta por 27 alunos, participativos, porém desmotivados. Para sua operacionalização foram realizadas as seguintes atividades práticas, descritas a seguir.

Primeiramente, propusemos aos estudantes, uma conversa informal, questionando-os sobre o que eles pensavam sobre a leitura. Posteriormente, organizamos uma mesa redonda onde trabalhamos vários textos sobre a leitura e os alunos tiveram oportunidade de expressarem-se oralmente sobre o assunto: se liam ou não, se gostavam de ler, se liam por vontade ou por necessidade. Nesse processo, todos os comentários relevantes foram registrados por nós.

Em outro momento, foi feita uma seleção de palavras envolvendo o tema leitura. Em um ambiente previamente preparado com música ambiente, as palavras foram postas numa caixa que ia passando de um aluno a outro. Quando a música parava, o aluno que estava com a caixa tirava uma das palavras, lia em voz alta e fazia comentários sobre ela. Todas as palavras retiradas da caixa eram anotadas no quadro de giz. Observamos as palavras escritas e os alunos foram se dando conta de que elas todas estavam relacionadas à leitura. Eram elementos estruturais da literatura, como cenários, personagens, recordações, situações do dia a dia, fatos históricos.

Outra estratégia adotada foi separar e exibir vários vídeos colhidos do *youtube*, utilizando um *datashow*, que falavam sobre leitura, escritores famosos e mesmo o vídeo com o título: “A menina que não sabia ler.”

Após a exibição de vídeos foi provocado um debate e conversado com os alunos sobre filmes baseados em livros. Comentamos, na ocasião, o quanto interessante é fazer a leitura dos livros para um comparativo entre o texto literário e o roteiro de um filme, suas semelhanças e diferenças. Este debate provocou o desejo de alguns estudantes para a leitura do livro: “A menina que não sabia ler”.

Como estava próxima a Feira de Livro do município de Doutor Ricardo, aproveitamos a oportunidade para promover a leitura de várias obras da escritora Marô Barbieri, que esteve presente na feira. Eram algumas obras infantis e outras infanto-juvenis e, divididos em grupos, todos os alunos leram. Como eram obras diferentes, os alunos contaram aos colegas, e, em forma de desenho, tentaram criar uma frase bem significativa, com ilustração; após, fizemos um painel na escola. Também sobre essa escritora, lemos uma obra em voz alta e fizemos uma releitura e a transpusemos à nossa realidade, ou seja, nós nos perguntamos como seria se esta escritora residisse em nossa localidade, no meio rural, com 2.030 habitantes, e, a seguir, reescrevemos esta obra. Para finalizar, os alunos fizeram a socialização da atividade e expressaram-se oralmente sobre o que acharam: em geral, acharam bem interessante esta ideia da valorização do lugar da identidade, os usos e costumes.

Em outra oportunidade, foram oferecidos vários textos tratando dos mais diversos assuntos para que os alunos escolhessem os que mais lhes interessavam para que realizassem a leitura. Não houve nenhuma interferência na escolha, os estudantes foram deixados à vontade. Como havia uma grande variedade de textos, por iniciativa de alguns alunos, foram feitos comentários, eles questionaram sobre as escolhas e ouviram opiniões a respeito dos textos.

Uma estratégia também pensada para os momentos de leitura foi a apresentação dos mais variados portadores de textos, tais como, jornais, revistas, gibis, livros, romances, para as suas preferências de leitura. Observou-se que em todas as atividades propostas sempre havia os que participavam, liam, questionavam, mas também havia os que faziam de conta, ou liam e ficavam quietos.

Então realizamos a leitura no hipertexto. Como os alunos estavam sabendo da prática e a escola tem um número reduzido de *notebooks*, solicitamos que se pudessem trazer o seu 'note' para a sala de aula, isso ajudaria bastante. Assim, em duplas, os alunos ficaram bem à vontade para realizar a atividade. Todos ficavam em silêncio, porém apreensivos porque tinham liberdade para usarem esta tecnologia, mas eles também queriam saber o que os colegas estavam observando.

Como esta prática teve ótimos resultados em termos de participação, certamente será um diferencial nas nossas aulas de leitura.

E para finalizar, entregamos o questionário (ANEXO A) para ser respondido por escrito. Nossa apreciação sobre a análise das respostas segue abaixo:

- A maioria dos alunos lê somente na escola e no horário da leitura.
- As leituras que mais gostam de realizar são dos periódicos e também romances e livros de aventuras.
- Acham a leitura importante, porque ela está presente praticamente em tudo, porque adquirem maior conhecimento, abre portas e mentes, nos faz viajar por diversos lugares, é um exercício mental, deixa a pessoa mais segura do que diz, dá argumentos na hora de se expressar, nos ajuda a falar melhor, usar melhor as palavras, amplia nosso vocabulário, obtemos concentração e raciocínio lógico.
- Sobre os tipos de leitura que os alunos se identificam melhor ainda é a leitura em livros jornais, ou similares, a leitura no hipertexto foi elencada por alguns e a explicação para o fato é que ainda não têm o hábito de realizar esta atividade no computador.
- A *internet* é ainda conhecida por buscas e pesquisas e para acessar *sites* de relacionamento. Mas com a atividade de leitura no hipertexto esta vai fazer a diferença na opção de escolhas de leitura.

6.2 ATIVIDADES REALIZADAS COM O HIPERTEXTO

Para elaborar um plano de atividades envolvendo a leitura no hipertexto, baseamo-nos em Tavares (2006), bem como para a realização das atividades relacionadas à leitura no hipertexto, buscamos os autores Hammerich e Harrison (2002), Xavier (2002), Schmar-Dobler (2003), Coiro (2003), e Leu et al. (2004), que sugerem algumas estratégias de leitura e também dão sugestões de possibilidades para se trabalhar o hipertexto nas aulas de leitura e em todas as disciplinas.

Para a realização das atividades fixamo-nos nestas estratégias:

A) Fixação de objetivos:

Sempre que é solicitada uma atividade deve-se ter bem claro os objetivos como sugere Solé (1998, p. 69) “[...] envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como a avaliação e possível mudança”.

No caso da leitura no hipertexto, organizamos um roteiro com algumas instruções para a pesquisa na *internet* com vistas ao aluno poder se orientar e, assim sendo, não se afastar do tema, facilitando a navegação pela *internet*.

B) Navegação:

Precisamos orientar os alunos quanto à navegação segundo (Schmar-Dobler, 2003; Coiro, 2003). Foi observado como usar os *links* no *site* e mesmo *sites* direcionados a pesquisa já determinados. Desta forma, os alunos estavam trabalhando a leitura no hipertexto.

C) *Scanning*:

Segundo (HAMMERICH; HARRISON, 2002), nesta modalidade, o professor já define o assunto. Neste caso, trabalhamos *bullying*, então foi organizado um roteiro de pesquisa observando o que é, origem, números no Brasil, consequências, etc. Esse trabalho de leitura ocorreu em *sites* específicos, envolvendo o assunto.

D) Leitura intensiva/Síntese/Colaboração:

Vários assuntos foram enumerados no quadro, e os alunos deveriam pesquisar e se deter a uma leitura mais detalhada, algum que mais lhe interessava, nesta atividade foi realizada em grupos e foi observado então a colaboração.

Com esta atividade os alunos realizaram não só um *scanning*, mas selecionaram os blocos de informação observando os objetivos propostos com a atividade.

Hammerich e Harrison (2002, p. 41) nomearam esta atividade de *Foraging*, que no texto impresso seria a ‘leitura intensiva’, sendo por eles assim descrita: “o leitor pára, decide se o texto é relevante, e lê uma pequena parte do conteúdo para maiores e mais profundas informações”.

Com esta atividade é necessário coletar as informações mais importantes e a síntese é a conclusão onde os alunos em comum acordo acataram respeitando o princípio da colaboração.

E) Pensamento crítico:

A partir de um assunto polêmico já determinado, no caso a quantidade de Água potável do planeta, os alunos levantaram os dados e puderam compará-los com os dados dos colegas e assim sendo conscientizaram-se da importância da preservação e o desperdício da água potável.

Com esta atividade, buscamos também uma mudança de atitude, no dia a dia dos alunos, realizando atividades práticas na escola e em suas casas. Depois dessa atividade, os alunos pesquisaram em outros *sites*, campanhas de preservação *online*.

O que foi observado durante as atividades no hipertexto foi que este era um processo desconhecido para leitura, entendido somente como recurso para pesquisa, busca de informações, mas, a partir de algumas atividades propostas, os alunos foram percebendo esta nova forma de leitura, que se bem explorada, não foge da linearidade dos livros e impressos.

Percebemos também que os alunos realizam esta atividade de leitura em todas as áreas, porém não muito explorada pelos professores os quais ainda incentivam a ampliação de conhecimentos e não construção de sentidos.

Como a escola adquiriu um número razoável de *notebooks* conectados à *internet*, e como os alunos também podem trazer o seu, esta atividade de leitura poderá ser diferenciada, porque antes havia a necessidade de se deslocar a uma sala de informática; agora, a atividade é realizada no mesmo espaço da sala de aula e o professor pode promover o diálogo intertextual entre as tecnologias antigas e as novas, no próprio ambiente escolar, antes um pouco fragmentado pelo deslocamento.

7 METODOLOGIA: RESGATE DO ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Para começar o trabalho de busca sobre o estudo bibliográfico, apresentamos alguns pontos de vista sobre o que é pesquisa, considerados importantes. Conforme alguns autores a pesquisa pode ser conceituada assim:

Minayo (1993):

Atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 1993, p. 23)

Para Demo (1996, p. 34), pesquisa é: “Questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

E ainda, para Gil (1999, p. 42), a pesquisa: “É um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Podemos compreender que pesquisa é uma maneira de buscar respostas ao nosso problema central que é o resgate das práticas da leitura, buscando encontrar algumas sugestões bem como argumentos para o nosso fazer pedagógico.

Para a busca de respostas ao problema levantado partimos da pesquisa bibliográfica a qual pode ser definida assim segundo Fonseca (2002, p.32). “A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*”.

Para a consolidação de um trabalho científico o pesquisador se vale da pesquisa bibliográfica para comprovar e enriquecer seus conhecimentos.

O presente estudo é uma pesquisa bibliográfica, pois, segundo os autores ela é elaborada, isto é, construída a partir de referências teóricas publicadas em impressos e eletrônicos, como livros, páginas da *web* e artigos acadêmicos e científicos. Com este estudo exploratório buscamos aprofundar e entender um

fenômeno específico no caso, a prática da leitura com apoio das tecnologias digitais, buscando responder as hipóteses geradas, envolvendo levantamentos bibliográficos.

Sobre os propósitos de leitura, dizem Lakatos e Marconi (2005):

Explorar o mundo, mediante o estudo da complexidade das coisas tendo em vista à melhor compreensão dos seus princípios; descrever o mundo físico, estudando, analisando, registrando, interpretando, explicando, identificando causas e descrevendo os fatos sem interferência do pesquisador. (LAKATOS e MARCONI, 2005, p. 203)

A pesquisa é algo natural das pessoas, ou pela busca do conhecimento, para resolver problemas ou mesmo por curiosidade em descobrir algo.

Assim, para finalizar, trazemos a posição de Demo (1993), acerca da pesquisa:

[...] pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção. Em tese, pesquisa é a atitude do 'apreender a apreender', e, como tal, faz parte de todo processo educativo e emancipatório. (DEMO, 1993, p. 80)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo em constante mudança não há lugar para aprendizagens puramente mecanizadas, é preciso desenvolver as habilidades de trabalhar com o novo. O computador e a internet são ferramentas que possibilitam a leitura, uma vez que promovem tantos momentos de construção de conhecimentos com várias fontes de informação, mas para isso essas tecnologias devem ser utilizadas de maneira coerente para educar ir muito além do informar.

Por isso é muito importante que professores - e também pais - estejam preparados para lidar com essas ferramentas tecnológicas, de forma a orientar seus alunos e filhos para o bom uso. Para Marcuschi (1999),

[...] a novidade é a sua transformação em princípio a construção textual. O que no hipertexto é uma técnica de produção, no livro impresso é uma forma de recepção [...]. Considerando, pois, que a linearidade linguística sempre constitui um princípio básico da teorização da língua, o hipertexto não rompe de forma radical este padrão. Ele rompe a ordem de construção ao propiciar um conjunto de possibilidades de construção textual plurilinearizada, condicionada por interesses e conhecimentos do leitor-co-produtor. (MARCUSCHI, 1999, p.13)

Não podemos dizer que as escolas, em geral, têm instrumentos precários para a realização de leituras, porque sabemos que muitas delas estão muito bem equipadas com aparelhos tecnológicos, no caso computadores. O que podemos dizer é que os alunos ainda não estão preparados para realizar este tipo de leitura, porque ainda desconhecem esta modalidade, porque a eles não tem sido oferecida esta leitura como possibilidade alternativa.

Observando as atividades realizadas com os alunos, percebemos que houve grande motivação para a realização das atividades. Os alunos estavam bem interessados. Porém percebemos que a leitura de hipertexto está um pouco distante das suas realidades. Eles veem o computador como algo que serve para entretenimento, como o uso das redes sociais e os jogos; e, os sites de pesquisa para buscar os conteúdos desconhecidos ou aprofundar o assunto tratado em aula.

Para a leitura ser uma rotina na vida dos estudantes, foi constatada a necessidade de serem mostrados os objetivos tanto para a leitura nos impressos como a leitura no hipertexto. Os alunos precisam ser, a todo momento, questionados e lembrados da importância deste ato, tão importante em suas vidas.

Os alunos vêm à escola cheios de anseios e vontades, porém, a maneira como muitas vezes é tratada a leitura, com cobranças por parte do professor, com aulas desmotivadoras e desestimuladoras, como muitas vezes resultam as aulas em que são realizadas leituras de clássicos, esses tão distantes de suas realidades, sem o devido aprofundamento. Por isso, cabe a nós educadores, antes de propormos uma atividade aos alunos, de termos bem claro os objetivos que esperamos com determinada atividade e das estratégias de trabalho que iremos realizar para motivar à leitura, incluindo a leitura hipertextual. Também não podemos deixar nosso aluno ler por ler, ele deve se dar conta da importância deste ato e que esse deve ser inserido em suas vidas, se possível, com vontade de descobrir e criar novos mundos, novos conhecimentos.

Quanto à leitura do hipertexto, esta talvez seja a que mais possa lhe interessar e que poderá fazer a diferença na prática da leitura e que essa prática possa lhe beneficiar na construção de novos conhecimentos, ampliando seus horizontes e desencadeando mudanças de atitudes com vistas a desenvolver o pensamento crítico e reflexivo.

O professor, após definir a metodologia, precisa buscar estratégias que desenvolvam o gosto e o hábito pela leitura, sempre lembrando que o aluno deve saber que está sendo observado, que deverá seguir um roteiro e que a leitura no hipertexto tem várias redes unidas entre si e que o aluno, conforme a escolha feita, pode tanto encontrar um rumo novo e interessante como se desviar do foco principal e sua compreensão e consequente avaliação ser prejudicada.

Para finalizar, citamos as palavras de Freire (1998, p.35) ao comentar sobre a curiosidade humana: O ser humano é um ser curioso. Pela curiosidade, desvendamos o mundo e ela é “[...] parte integrante do fenômeno vital”.

Assim sendo, entendemos que estamos sempre em processo de construção, que respeitamos as individualidades e que, partindo do princípio da colaboração, vamos aprendendo a aprender e apreender novos mundos de produção de sentido e conhecimento através da leitura.

O grande desafio para as escolas é fazer com que através da leitura o aluno se conheça como ser humano tornando-se um ser crítico e questionador, abolindo as tradicionais tendências da valorização do livro didático quando este possui o papel de dominar as mentes. Desta maneira, entendemos que o aluno deve ter a oportunidade de levar para a sala de aula problemas sociais para discussão e

debate. E, com isso, poder promover a construção de conhecimentos, o que proporcionaria maiores articulações linguísticas e argumentos quando necessário posicionar-se frente aos desafios, quebrando paradigmas.

Este estudo serviu para sensibilizar e conscientizar os alunos da 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Doutor Ricardo da importância da leitura realizada através de estratégias bem variadas, visando despertar o interesse pela leitura, utilizando-a em suas vidas ora como deleite pessoal ora como ampliação de conhecimentos. E, como alternativa o hipertexto, este que está muito evidente em suas vidas, mas não somente para navegar nas páginas da *web*, mas também como ferramenta de apoio à educação, ferramenta indispensável em nossas vidas pela agilidade e facilidade de acesso.

Como sabemos que o conhecimento é inacabado e, como educadores que somos, devemos ambicionar a busca de novos conhecimentos e saber reconhecer a importância da condução de novos estudos também na perspectiva aqui trazida. Estes estudos devem seguir sendo empreendidos com professores e alunos do Ensino Médio, experimentando novas e motivadoras práticas de leitura a partir do hipertexto, com apoio da mídia digital, não só nos terceiros anos, mas bem antes do início do Ensino Médio. Com isso, é possível que o gosto e a prática da leitura estejam consolidados bem antes que as exigências de currículos e programas assim o imponham.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAMBERG, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 2004.

BORGES, J.L. A poesia. In _____.TREVISAN, João Silverio (Trad.).**Sete Noites**. São Paulo: Max Limonad, 1987.

BRASIL. **Integração das tecnologias na educação**. Secretaria da educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, seed, 2005

_____. **Linguagens, códigos e suas tecnologias-Secretaria da Educação Básica**. v 1. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

_____. Ministério da Educação. **PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores**. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Língua Portuguesa** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC SEF, 1998.

_____. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Acesso em: MAI. 2012.

BUSH, Vannevar. **As we may think**. Atlantic Monthly, n. 1, p.101-108, July 1945. [online], maio 1999. [<http://www.ps.unisb.de/~duchier/pub/vbush/vbushall.shtml>].

CÂNDIDO,A. O direito à literatura. In_____. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COIRO, J. Reading comprehension on the Internet: expanding our understanding of reading comprehension to encompass new literacies. **The Reading Teacher**. 56(6), Fev. 2003.

CONGRESSO BRASILEIRO DE LEITURA. **Importância do ato de ler**. Realizado em Campinas, em novembro de 1981. Disponível em: <<http://historiadeleitura.blogspot.com.br/2011/05/importancia-do-ato-de-ler-paulo-freire.html>>. Acesso em: NOV. 2012.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____.**Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de janeiro: Tempo Brasileiro,1996.

ECO, U.O. **Texto, o prazer, o consumo.** In _____. Sobres os espelhos e outros ensaios. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FIORENTINI, Leda Maria Rangearo, et. al. **Linguagens e interatividade na educação a distância.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Potro Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização leitura de mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

HAMMERICH, I.; HARRISON, C. **Is reading print different than reading web text?** Developing online content, the principles of writing and editing of the web. United States of Ameca: willey, 40-42, 2002.

INFOESCOLA. **Informática.** Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/informatica/hipertexto>> Acesso em: JUN. 2012.

KENSKI, Vani M. **Educação e tecnologias - O Novo Ritmo Da Informação.** São Paulo: Papyrus, 2007.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2002 e 2005.

KOCK, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos.** São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LANDOW, George P. DUCHER, Patrick (Trad). **Hipertexto: la convergência de La teoria critica contemporânea y La tecnologia.** Barcelona: Paidós, 1992.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia.** Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras Ltda, 2005.

LEU, D.J.; et. al. Toward a theory of new literacies emerging from the internet and other information and communication technologies. In: RUDDELL, R. B.; UNRAU, N.J. **Theoretical models and processes of reading.** 5. Ed. Newark: IRA, 2004.

LEVY, Pierre; COSTA, Carlos Irineu da. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da Informática.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LEVY, Pierre; NEVES, Paulo (trad.). **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, Rodolpho Motta et al. **Intensivo novo Enem,** fascículos 1 e 5. Rio de Janeiro: Editor Gráfica GPI Ltda, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005, 203 p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linearização, Cognição e Referência: o desafio do hipertexto**. 1999. Disponível em <http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/Editoriallibros/discurso_cambio/17Marcus.pdf> Acesso em: Ago. 2012.

_____. **O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Conferência pronunciada no IV Fórum de Estudos Linguísticos-Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

MARTINS, Maria Helena. **O enigma da leitura**. In: Silva, Luiz Heronda. (org). A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MORAN, José Manuel. **Desafios na comunicação pessoal**. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Revista Informática na Educação. Porto Alegre, vol. 3, set 2000, UFRGS.

MORIN, Edgar. **Os princípios do conhecimento pertinente**. In Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2001.

NELSON, T. **Virtual world without end**. In: JACOBSON, I Cyberart: exploring art technology. San Francisco: Freeman, 1992. exploring art technology. San Francisco: Freeman, 1992.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

R7. **Redação do ENEM será aplicada amanhã**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/educacao/noticias/redacao-do-enem-sera-aplicada-amanha-ex-corretora-da-dicas-de-como-se-sair-bem-na-prova>> Acesso em: MAI. 2012.

SCHMAR-DOBLER, E. **Reading on the Internet: The link between literacy and technology**. Journal of Adolescent & Adult Literacy, 47(1), setembro de 2003. Disponível em: <www.readingonline.org/newliteracies/lit_index.asp?HREF=/newliteracies/jaal/9-oe_column/index.html>. Acesso em: Abr. 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler : fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TAVARES, Valéria Maria Cavalcanti. **Ensino de leitura do hipertexto: um estudo sobre a preparação de atividades instrucionais em inglês e português em escolas de**

fortaleza. Disponível em <<http://www.hipertextus.net/volume1/artigo16-valeria-cavalcanti.pdf>> Acesso em: JUN. 2012.

TRUFFI, Renan. **Redação do Enem será aplicada amanhã.** Ex-corretora dá dicas de como se sair bem na prova escrita. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/educacao/noticias/redacao-do-enem-sera-aplicada-amanha-ex-corretora-da-dicas-de-como-se-sair-bem-na-prova-escrita-20111022.html>> Acesso em: OUT. 2011.

VALLS,E. **Ensenyansa i aprenentatge de continguts procedimentais. Una proposta referida a l Àrea de la Història.**Tese de Doutorado.Universidade de Barcelona.1990.

VÍLAN FILHO, Jayme Leiro. **Hipertexto: visão geral de uma nova tecnologia de informação.** Ci. Inf., Brasília, v. 23, n. 3, p. 295-308.

WIKIPEDIA. **Exame Nacional do Ensino Médio.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Exame_Nacional_do_Ensino_M%C3%A9dio> Acesso em: JUN. 2012.

XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade da informação:** a constituição do modo de enunciação digital. Tese de doutorado. Unicamp, Campinas, 2002. (Texto mimeografado).

ZACCUR, Edwiges. **Alfabetizar-se para vir a ser leitor; ser leitor para se alfabetizar.**s.l.: Mimeog. s.d.

ANEXO A

Questionário:

QUESTIONÁRIO:

1. Com que frequência você lê?
2. Onde você lê?
3. Que tipo de leituras você gosta de realizar?
4. Você considera importante a leitura?
5. Agora conhecendo os mais variados tipos de leitura, com qual ou os quais você se identifica melhor? Por quê?

ANEXO B

– Cena do vídeo “A menina que não sabia ler”



ANEXO C

– Cena do vídeo “A Leitura mpeg”

